



Rudesindo Soutelo
compositor
e mestre em Educação Artística

Arte e cidade

No ano 1973, John Blacking define a música como um produto do comportamento dos grupos humanos, “seja formal ou informal: é som humanamente organizado”¹. É certo que o modernismo já iniciara um processo de valorização da arte popular mas o dilema de ‘alta’ e ‘baixa’ cultura continuou referindo-se a herança europeia; o resto das culturas foi etiquetado como ‘exóticas’. Blacking chamou a atenção para essas “inadequadas e enganosas ferramentas conceptuais” porque “o que precisamos saber é que sons e que tipos de comportamento, nas diferentes sociedades, decidiram chamar de «musicais»”².

O etnocentrismo ocidental começou a diluir a sua hegemonia cultural, política e económica, deixando um espaço cada vez maior para as inúmeras sociedades emergentes e culturas diferentes que nos obrigam a repensar a própria organização social e os valores que queremos promover.

Kant foi, no século XVIII, quem alertou de que todo o conhecimento começa com a experiência, mas acrescentou que “embora esta nos diga o que é que existe, não nos diz que tenha que ser necessa-

riamente assim e não de outra maneira”³. Para experimentar essas outras formas de conhecimento, o artista ocidental teve de abandonar a sua torre de marfim e sair para a rua, criando os novos mitos que expliquem a ordem do mundo e inspirem confiança à sociedade que integra.

Claude Lévi-Strauss diz que após o humanismo aristocrático do Renascimento e do humanismo burguês, exótico, do século XIX, surge o humanismo democrático que “apela à reconciliação do homem e da natureza, num humanismo generalizado”⁴.

O artista, hoje, é um antropólogo social e cultural que desenvolve uma lógica das qualidades sensíveis do som, da cor, do sabor, da textura, do cheiro, e “escolhe, combina ou opõe estas qualidades para transmitir uma mensagem, de alguma forma, codificada”⁵. Nessa lógica, Lévi-Strauss não exclui a convergência do pensamento científico e do pensamento mítico do mundo sensível inerente ao funcionamento do espírito; e Blacking insiste em que a análise da música na cultura deve ser “sensível ao contexto”⁶.

Esse contexto, no mundo ocidental é prioritariamente urbano, onde a natureza se faz burgo e habita em nós. Reconciliados com a cidade, podemos humanizá-la com uma nova mitologia que reduza

a voracidade do cartesianismo financeiro. Diz Arnold Schoenberg que “a ordem não vem exigida pelo objeto, mas pelo sujeito” e “quando se compreende, procuram-se as razões, encontra-se a ordem, percebe-se a clareza”⁷.

O pensamento sensível da sociedade, encabeçado pelos artistas, será o artifice de um burgo sustentável, de uma cidade inteligente.

NOTA

Este texto, redigido originalmente em castelhano, foi escrito para folha de sala duma exposição de Ricardo Brito no México com o título “C.I. Burgo”... (cidade inteligente).

1 Blacking, J. (2010). *Hay música en el hombre?* (J. Ayats, Trad.) Madrid: Alianza Editorial, p. 38.

2 *Ibid.* p. 31.

3 Kant, I. (1990). *Crítica de la Razón Pura*. (P. Ribas, & J. Llinares, Trad.) València: Universitat de València, p. 44.

4 Lévi-Strauss, C. (2012). *A Antropologia Face aos Problemas do Mundo Moderno*. (P. Vidal, Trad.) Lisboa: Círculo de Leitores, p. 63-64.

5 *Ibid.* p. 128.

6 Blacking, J. op. cit. p. 47.

7 Schoenberg, A. (2001). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP, p. 72-73.